

Gramática, variação e ensino: proposições metodológicas e práticas pedagógicas

Grammar, variation and teaching: methodological propositions and pedagogical practices

*Márcia do Socorro Coêlho de Oliveira**, *Neusa Inês Philippsen**

**Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)*

Resumo: O objetivo deste artigo é fazer não só reflexões, pautadas em pressupostos sociolinguísticos e de gramáticas da língua em uso, com destaque aos estudos de Bortoni-Ricardo (2005, 2014), Faraco (2008), Neves (2012, 2014), Bagno (2007, 2011), Travaglia (2004, 2008), dentre outros, sobre certas questões que envolvem gramática, variação e mudança linguísticas, com implicações diretas no ensino da língua, mas também apresentar possibilidades de proposições metodológicas e práticas pedagógicas a serem desenvolvidas em aulas de Língua Portuguesa. Os tópicos que evidenciamos são: Fundamentação teórica, Breve histórico do PROFLETRAS, o PROFLETRAS na UNEMAT/Sinop, Gramática, variação e ensino e Encaminhamentos metodológicos e reflexões analíticas sobre os resultados. Dentre os vieses reflexivos, que enaltecem os resultados, podemos ressaltar que as discussões teóricas e as proposições metodológicas adotadas exaltaram o trabalho da formação de professores, estimulando-os a se preocuparem mais com as funções sociais da linguagem e a terem maior clareza sobre como trabalhar com a gramática em uso nos contextos escolares.

Palavras-chave: PROFLETRAS. Ensino de gramática. Variação e mudança linguísticas. Proposições metodológicas. Práticas pedagógicas.

Abstract: The purpose of this article is to do not only reflections, guided in sociolinguistic assumptions and grammar of the language in use, with emphasis on studies Bortoni-Ricardo (2005, 2014), Faraco (2008), Snow (2012, 2014), Bagno (2007, 2011), Travaglia (2004, 2008), among others, about certain issues involving grammar, variation and language change, with direct implications for language teaching, but also present possibilities of methodological propositions and pedagogical practices to be developed in classes of the Portuguese. The topics that we highlight are: Theoretical basis, Brief history PROFLETRAS, the PROFLETRAS in UNEMAT / Sinop, Grammar, variation and Teaching and methodological referrals and analytical reflections on the results. Among the reflexive bias, which extolled the results, we can emphasize that the theoretical discussions and methodological proposals adopted extolled the work of teacher training, encouraging them to be more concerned about the social functions of language, and to have clarity on how work with grammar in use in school contexts.

Keywords: PROFLETRAS. Grammar teaching. Variation and linguistic changes. Methodological propositions. Pedagogical practices.

Apontamentos iniciais

A educação brasileira, mais especificamente desde meados do século XX, tem passado por acentuadas transformações, dentre elas destacam-se as relacionadas a questões metodológicas, didáticas, pedagógicas, entre outras.

Nesse contexto, conforme Nóbrega (2012), a escola pública, como principal aparelho provedor de educação e formadora de cidadãos potencialmente atuantes na sociedade, assume o papel de transformar os alunos em indivíduos letrados e alfabetizados, capazes de se comunicarem competentemente, dominando um repertório linguístico adequado às situações formais e não-formais da linguagem em suas modalidades oral e escrita.

Este artigo, que tem como propósito maior apresentar possibilidades de proposições metodológicas e práticas pedagógicas desenvolvidas na disciplina intitulada *Gramática, variação e ensino*, traz, em seu bojo, também, a fundamentação teórica que representa o alicerce teórico-metodológico do trabalho realizado, um breve histórico da constituição do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS no Brasil e, em seguida, uma ligeira apresentação de seu funcionamento em uma de suas instituições associadas, na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Sinop), e, finalmente, as reflexões analíticas sobre os resultados.

Cabe ressaltar, também, que o ensino público do Brasil, com maior afinco a partir dos anos 1960, abriu as portas às diversas classes sociais e, conseqüentemente, a uma gama de variedades linguísticas que não puderam mais ser ignoradas. Conforme Bagno (2007), desde então amplas camadas sociais, que até então tinham ficado excluídas do ensino formal, por estarem fora das zonas urbanas, começaram a exigir que seus filhos e filhas, já nascidos e criados nas cidades, tivessem acesso à escolarização. E, para o autor, essa pressão social é que teria ocasionado a “democratização” do ensino, ou seja, o rápido aumento do número de salas de aula em todo o Brasil, sobretudo nas grandes aglomerações urbanas.

Contudo, essa “democratização” do aumento da população escolar seria, por sua vez, responsável pelo decréscimo qualitativo da educação pública e pela perda de prestígio no âmbito das classes médias e médias altas. “A grande massa de alunas e alunos das novas escolas públicas falava (e fala) variedades linguísticas muito diferentes das variedades urbanas usadas pelas camadas sociais prestigiadas, e mais diferentes ainda da norma-padrão tradicional” (BAGNO, 2007, p. 32).

O perfil do professor nessas “novas escolas públicas” também mudou, visto que a escola então frequentada por tantas crianças de classes desprestigiadas fez com que a profissão docente perdesse o prestígio, pois houve achatamento progressivo dos salários, sendo, conseqüentemente, pouco atrativa para as camadas privilegiadas da população urbana.

E é nesse novo contexto que o papel da escola precisa ressignificar-se e reconhecer que todas as variedades apresentam sistemas linguísticos tão estruturados quanto a variedade culta, e cabe ao professor, assim, ter atitudes positivas e não discriminatórias em relação à linguagem dos alunos. Mas, por outro lado, os professores de português, por necessidades exigidas por nossa sociedade discriminatória, têm de explicitar a seus estudantes que certos usos variáveis são censurados em certas situações socioculturais. O professor, se tiver uma boa formação linguística, especificamente sociolinguística, deverá demonstrar, por exercícios, o valor social das variantes de um elemento variável no português do Brasil (MATTOS E SILVA, 2006).

A referida pesquisa está estruturada em três tópicos, com base nas concepções de linguistas, sociolinguistas e linguistas aplicados, bem como nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998).

No primeiro tópico apresentam-se, brevemente, as mudanças que ocorreram com o ensino da Língua Portuguesa a partir da década de 80, com o advento da Sociolinguística. Teóricos como Faraco (2008), Travaglia (2008), Neves (2014), Bortoni-Ricardo (2014) e Matos e Silva (2006) contribuem significativamente para fundamentar as argumentações.

No segundo tópico, mostram-se algumas características do Mestrado Profissional de Letras – PROFLETRAS, um programa nacional de formação continuada, destinado aos professores de Língua Portuguesa de escolas públicas, seguidas de sucinta apresentação de seu funcionamento em uma de suas instituições associadas, na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Sinop).

No terceiro e último tópico aborda-se, mais especificamente, uma das disciplinas obrigatórias deste Programa, intitulada *Gramática, Variação e Ensino*, relatando-se a bibliografia trabalhada, os procedimentos metodológicos utilizados e atividades desenvolvidas, com o intuito de tecer reflexões analíticas sobre os resultados das aplicações linguísticas feitas pelos alunos-professores-mestrandos.

1 A língua e suas variações: heterogeneidade linguística

Os principais pressupostos teóricos da Sociolinguística contemporânea envolvem

as discussões da língua em uso e das gramáticas que emergem nos contextos de fala em distintas comunidades linguísticas. Dessa forma, conforme Travaglia (2008), a língua é um conjunto de variedades das quais uma sociedade faz uso para atender a determinadas necessidades comunicativas, impostas pelos contextos sociais de interação, e a gramática seria o “conjunto das regras que o falante de fato aprendeu e das quais lança mão ao falar” (TRAVAGLIA, 2008, p. 28).

Em suma, as noções gramaticais vão se formando a partir das atividades com a linguagem e com a reflexão sobre a língua. E, ao dominar a língua, o aluno estará dominando as regras com e sobre as quais a língua é organizada, ou seja, a gramática.

Contudo, segundo Faraco (2008), a escola, mesmo já tendo incorporado o tema da variação no discurso pedagógico, não conseguiu ainda construir uma pedagogia adequada a essa área e estamos, de acordo com este autor, muito atrasados na efetivação de uma pedagogia da variação linguística. Talvez inclusive porque não tenhamos, como sociedade, discutido suficientemente, no espaço público, nossa heterogênea realidade linguística, nem a violência simbólica que a atravessa.

Cabe reiterar que nosso grande desafio, neste início de século e milênio, é reunir esforços para construir uma pedagogia da variação linguística que não escamoteie a realidade linguística do país (reconheça-o multilíngue e dê destaque crítico à variação social do português); não dê um tratamento anedótico ou estereotipado aos fenômenos da variação; localize adequadamente os fatos da norma culta/comum/*standard* no quadro amplo da variação e no contexto das práticas sociais que a pressupõem; abandone criticamente o cultivo da norma-padrão; estimule a percepção do potencial estilístico e retórico dos fenômenos da variação. Mas, acima de tudo, uma pedagogia que sensibilize as crianças e os jovens para a variação, de tal modo que possamos combater os estigmas linguísticos, a violência simbólica, as exclusões sociais e culturais fundadas na diferença linguística. (FARACO, 2008, p. 180).

Sendo assim, cabe a nós professores, lançarmos olhar aos usos linguísticos nas diversas comunidades linguísticas. Dentre esses usos encontram-se modalidades não regradas da língua, ao lado de uma modalidade considerada a norma-padrão, à qual se atribuem qualidades “superiores”: ela seria, para os tradicionalistas, mais regular, modelar, e, portanto, deveria ser seguida e perseguida. Essa visão, disseminada ainda na escola e pelos meios midiáticos, não é recente. Para Neves (2014, p. 33), isso é particularmente notável na codificação inicial da gramática ocidental, época em que a ameaça de

sobrepujamento da língua grega pelos “falantes ‘bárbaros’, ‘corrompidos’, ou seja, não gregos, conduziu determinantemente nesse sentido toda a feitura das lições que os gramáticos produziam. [...] E, se foi a partir de modelos que a disciplina gramatical se instituiu, ela só poderia nascer modelar”.

Para a Sociolinguística, no entanto, que nasceu pautada pelo relativismo cultural e pela heterogeneidade linguística, nenhuma língua ou variedade de língua, em uso em comunidades de fala, deveria ser considerada inferior ou subdesenvolvida. Assim, ao compreendermos tais pressupostos, percebemos a urgente necessidade de ‘reunirmos esforços’ para uma proposta de ensino e aprendizagem que propague não só esses ensinamentos, mas que promova, efetivamente, mudanças tão exigidas no atual contexto escolar.

Uma dessas propostas, correntes no Brasil hoje, é a apresentada por Bortoni-Ricardo, intitulada Sociolinguística educacional (2014), a qual prima pelos esforços de aplicação dos resultados das pesquisas sociolinguísticas na solução de problemas educacionais e em propostas de trabalho pedagógico mais efetivas. Ainda conforme esta autora:

O Brasil, além dos problemas seculares de deficiência na educação, desenvolveu novos problemas decorrentes de falácias construídas por leituras aligeiradas dos próprios textos técnicos da área de Sociolinguística. A principal delas é a crença de que não deveriam os professores intervir na correção dos chamados erros gramaticais. [...] Os alunos que não receberem avaliação de seus professores quanto ao que falaram ou escreveram, respeitando (ou não) os preceitos gramaticais consagrados e no Brasil, estarão sujeitos a críticas e estigma social. Têm os professores, portanto, de ficar alerta à produção linguística de seus alunos em sala de aula promovendo os ajustes necessários, de forma sempre muito respeitosa, nos termos de uma pedagogia culturalmente sensível (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 158-159).

Vale ressaltar que estas propostas estão sendo adotadas pelos atuais programas de Pós-Graduação brasileiros, dentre eles o Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS. Descreveremos, a seguir, um breve histórico e funcionamento deste Programa, para, em seguida, trazermos uma breve apresentação de resultados já alcançados.

2 Breve histórico do PROFLETRAS

O PROFLETRAS, conforme Rodrigues (2013), teve início em agosto de 2013,

sendo oferecido em rede nacional, com a participação de 34 universidades públicas, ligadas ao Sistema da Universidade Aberta do Brasil (UAB). É um curso de pós-graduação *stricto sensu*, oferecido a docentes egressos de cursos de graduação em Letras, que atuam nas salas de aula de Língua Portuguesa do ensino fundamental (do 1º ao 9º anos) de escolas da rede pública de ensino e que foram aprovados em concurso público. O programa é coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e está ligado diretamente à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

O curso foi criado, portanto, com vistas à melhoria da formação continuada do professor de Língua Portuguesa, de escolas públicas do país, principalmente por causa dos péssimos índices nos resultados das avaliações a que são submetidos os alunos dessa disciplina quando respondem à Prova Brasil. Igualmente, à posição das escolas no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Assim, com relação à importância do programa, há a necessidade de qualificar e capacitar professores do ensino básico do país, tendo em vista as práticas de sala de aula, para que se possa potencializar o ensino, sobretudo nas competências de leitura e escrita (RODRIGUES, 2013).

Ainda conforme a Dra. Maria das Graças Soares Rodrigues, em entrevista concedida às professoras Maria da Penha Casado Alves e Maria Inês Batista Campos, no dia 27/11/2013, o PROFLETRAS tem uma área de concentração, que é Linguagens e Letramentos, e duas linhas de pesquisa, que são “Teorias da Linguagem e Ensino” e “Leitura e Produção Textual, Diversidade Social e Práticas docentes”. Além disso, o programa prevê o cumprimento de 360 horas num prazo de 2 (dois) anos. Dentre as disciplinas, 5 (cinco) são obrigatórias e 3 (três) são optativas, estas últimas escolhidas em um conjunto de 12 (doze). Para integralizar o curso, o aluno deverá cursar, no mínimo, 24 créditos.

Com relação ao produto final a ser apresentado, diferentemente de um mestrado acadêmico, em que o aluno, necessariamente, apresenta uma dissertação, no PROFLETRAS, o aluno poderá desenvolver um *software*, pensado e elaborado a partir de um trabalho voltado para a sala de aula, mais precisamente, para a solução de algum problema encontrado em sua sala de aula. Para tanto, a sequência didática tem sido uma das sugestões a ser adotada.

2.1 UNEMAT/Sinop: instituição associada do PROFLETRAS

A Fundação Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – é uma entidade autônoma de direito público, vinculada à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, criada a partir do Instituto de Ensino Superior de Cáceres (IESC) – pela

Lei nº 703 em 1978 e estadualizada pela Lei nº 4960, de 19 de dezembro de 1985. A UNEMAT passou à condição de Universidade, de acordo com a Lei complementar nº 30, de 15 de dezembro de 1993, e obteve no ano de 1999 o reconhecimento enquanto Universidade pelo Conselho Estadual de Mato Grosso (CEE/MT), homologado em 30 de abril de 1999, pela Portaria 196/99 da Secretaria do Estado de educação (SEDUC/MT)¹.

A Universidade do Estado de Mato Grosso tem sua sede na cidade de Cáceres, interior do Estado, mas se faz presente em dez regiões geoeducacionais de múltipla diversidade geográfica, econômica e cultural, e tem como eixo central de suas atividades as áreas de educação e meio ambiente. Seu programa de expansão foi iniciado na cidade de Sinop², em 1990, tendo em vista o fato de a cidade ser considerada município POLO REGIONAL e pela carência de profissionais especializados na região. Atualmente, a UNEMAT conta com um total de onze *Campi* Universitários e com a perspectiva de abertura de novos cursos que lhe assegurem reconhecimento e a credibilidade na sociedade mato-grossense e entre as instituições brasileiras e internacionais.

Com relação à pós-graduação ofertada na área de Letras e Linguística, ainda são poucos os programas ofertados em Mato Grosso. Destaca-se, nesse contexto, o Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), o qual, após a aprovação, em 2013, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, já na proposta inicial do programa inseriu a UNEMAT como uma de suas instituições associadas, com duas unidades de funcionamento, uma em Cáceres e outra em Sinop. Em Sinop, a unidade a que se propõe estudar aqui oferece dezoito vagas e abarca onze municípios do Estado (SANTOS; SANTOS, 2016).

O sentido maior de participar de um Programa dessa envergadura está na função social que ele abriga em seu escopo ao priorizar a formação de profissionais que não tiveram acesso à pós-graduação *stricto sensu* depois de sua formação inicial.

2.2 Turmas ingressantes

Até o momento o PROFLETRAS da UNEMAT/Sinop conta com três turmas ingressantes. A primeira turma teve ingresso em agosto de 2013 e conclusão em agosto de 2015; a segunda turma ingressou em novembro de 2014 e tem prazo para conclusão até final de novembro de 2016 e a terceira teve início em fevereiro de 2016, com a

¹ Informações retiradas de <<http://www.novoportal.unemat.br/index.php?pg=campus&idc=3>>. Acessadas em 07 de maio de 2016.

² Cidade localizada no Norte mato-grossense, situada a 503 km da capital Cuiabá.

possibilidade de término em fevereiro de 2018.

Os dados que serão trazidos abaixo foram coletados do estudo de Santos (2016), que faz um levantamento empírico e quantitativo sobre as unidades mato-grossenses do PROFLETRAS. Daremos ênfase aqui somente à segunda turma ingressante, visto que é esta turma que cursou a disciplina em destaque neste artigo e cujos resultados serão evidenciados em seções subsequentes.

Dos 155 (cento e cinquenta e cinco) inscritos na seleção para compor a Turma 2 do PROFLETRAS/Sinop, apenas 6 (seis) discentes mato-grossenses ingressaram. Das 12 (doze) vagas ociosas, 4 (quatro) foram preenchidas por discentes que realizaram a seleção em outras unidades no Estado do Pará e 8 (oito) continuaram ociosas. São provenientes de 6 (seis) municípios mato-grossenses (Brasnorte, Feliz Natal, Ipiranga do Norte, Nova Santa Helena, Sinop e Terra Nova do Norte) e 3 (três) paraenses (Itaituba, Oeiras do Pará, Santarém). As distâncias que os separam da unidade variam de 120 (cento e vinte) a 1900 (um mil e novecentos) quilômetros, situação especialmente difícil para aqueles que residem no Pará, em que, além da distância, são poucas as opções de traslado e com elevado custo. Apenas uma discente não recebeu bolsa da CAPES, pois já a recebia para realizar outra função.

Os dez (10) discentes da turma são professores efetivos das esferas estadual e municipal. Um (1) atua somente na rede municipal, sem afastamento para qualificação. Dois (2) atuam somente na rede estadual e tiveram afastamento total para qualificação. Um (1) trabalha nas redes estadual e privada, com afastamento na rede estadual e outro trabalha nas redes municipal e privada, sem licença. Cinco (5) são profissionais das duas esferas, distribuídas entre 20, 30, 36 ou 42h de âmbito estadual e 20 ou 30h de âmbito municipal. Destes, 1 (um) obteve afastamento total nas duas esferas, 3 (três) receberam afastamento somente da rede estadual e 1 (um) não obteve qualquer tipo de afastamento. Quando ingressaram no Programa, os discentes tinham entre 35 (trinta e cinco) e 47 (quarenta e sete) anos, com média de idade de 42 (quarenta e dois) anos e lecionavam entre 13 (treze) e 26 (vinte e seis) anos, a maioria, em média, 19 (dezenove) anos.

3 Sobre gramática, variação e ensino

Destacaremos, neste tópico, da caracterização do curso da UNEMAT/Sinop, a disciplina obrigatória *Gramática, variação e ensino*. Essa disciplina apresenta a carga horária de 45h, que correspondem a 3 (três) créditos cursados. A sua ementa apresenta a seguinte propositura:

Avaliação de gramáticas pedagógicas. Análise epilinguística e metalinguística considerando os fenômenos gramaticais mais produtivos e mais complexos na ampliação da competência comunicativa dos alunos na escuta, na leitura e na produção de textos orais e escritos. Proposições metodológicas para elaboração de material didático.

Dentre a bibliografia sugerida, salientam-se Bortoni-Ricardo (2005), Faraco (2008), Neves (2012), Bagno (2007, 2011), Travaglia (2004, 2008), Mollica e Braga (2003), Hora (2004), Gorski e Coelho (2009), Perini (2003), Bechara (2004), Mattos e Silva, (2006), Vieira e Brandão (2013), Zilles e Faraco (2015), dentre outras.

Vale ressaltar que o objetivo geral da disciplina é refletir sobre os fenômenos gramaticais a partir de uma concepção de língua heterogênea e sócio-historicamente situada, levando em consideração a língua em uso nas suas modalidades oral e escrita. Para tanto, divide-se a propositura de ação em três módulos, sendo: 1- norma, gramática e ensino, 2- gramática, produção de sentidos e variação e 3- práticas pedagógicas.

Teceremos, a seguir, a partir dos encaminhamentos metodológicos desta disciplina, reflexões sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas e os subsequentes resultados alcançados. Esta disciplina foi ministrada no segundo semestre de 2015, para uma turma composta por 10 (dez) alunos-professores.

3.1 Encaminhamentos metodológicos e reflexões analíticas sobre os resultados

Gramática, Variação e Ensino, uma das disciplinas obrigatórias do PROFLETRAS, ocorreu no segundo semestre de 2015. Semestre em que também ocorreu o VIII SIGET³, que teve como temática a questão dos gêneros textuais. E o que isso tem a ver com a Linguística? É que, como o evento internacional ocorreu na cidade de São Paulo, participaram vários escritores, muitas pessoas (participantes e organizadores do evento), com suas respectivas línguas e variedades linguísticas.

Durante esse evento, a língua era usada de muitas maneiras, tanto na escrita quanto na fala. Durante os passeios realizados por alguns pontos turísticos da cidade (MAM, MASP, MLP⁴, Estádio Morumbi, Avenida Paulista, Rua da Liberdade, dentre outros), era

³ Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais.

⁴ MAM = Museu de Arte Moderna; MASP = Museu de Arte de São Paulo; MLP = Museu de Língua Portuguesa.

notório perceber as variedades dos falantes. Isso reforçou a consciência linguística sobre o respeito pelas variações.

Com o passar dos meses e encontros presenciais no *Campus* Universitário de Sinop, percebeu-se que 45 h/a seriam pouco para “sugar” tudo o que fosse preciso, o que demandaria mais dedicação nas leituras obrigatórias e complementares.

Dentre a bibliografia proposta pela disciplina, fazem parte: *Norma Culta Brasileira* (2008), de Carlos Alberto Faraco, *Nós chegemos na escola, e agora?* (2005), de Stella Maris Bortoni-Ricardo, *Ensino de Gramática – descrição e uso* (2013), de Silvia Rodrigues Vieira e Silvia Figueiredo Brandão, *Nada na Língua é Por Acaso – por uma pedagogia da variação linguística* (2007), de Marcos Bagno, *Pedagogia da Variação Linguística* (2015), de Zilles e Faraco.

As aulas foram realizadas de modo expositivo e sociointerativo. Durante as interações acerca dos conteúdos sobre os aspectos linguísticos e variacionistas da Língua Portuguesa e outros observados nos livros didáticos utilizados em 2015, surgiram muitas estratégias de como minimizar e/ou erradicar o preconceito linguístico, umas foram aplicadas e resultaram em artigo para a disciplina e possíveis comunicações orais em eventos e, por outro lado, contribuíram para desenvolver a consciência linguística com os alunos dos mestrados.

Discutiram-se, ainda, alguns questionamentos sobre as concepções de gramática e de norma que fundamentam alguns materiais, além de apresentação de seminários; relatórios de apresentação; análise de livros didáticos; projetos de oficinas pedagógicas; elaboração de sequência didática e debates.

A proposta para se trabalhar os conteúdos da disciplina deu-se em três módulos:

No Módulo 1, que ocorreu nos meses de agosto (dia 11) e setembro (dia 02) de 2015, abordou-se sobre *Norma, Gramática e Ensino*. Os debates entre a turma relacionavam-se aos seguintes questionamentos: O que é gramática? Quais as concepções de gramática? Que perfil de gramática adotar na escola? O que é norma? Quais as concepções de norma? Como se constituiu a norma-padrão brasileira?

A turma, composta por 10 alunos, foi dividida em dois grupos com cinco integrantes. Cada grupo deveria fazer a leitura da bibliografia sugerida pela professora e socializar com os demais. Uma estratégia bastante incentivadora, pois, no final, cada grupo deveria apresentar um relatório sobre a temática abordada pelo outro grupo.

Um grupo abordou acerca das gramáticas, as concepções e qual perfil adotar na escola. Não organizaram material para apresentar em projetor multimídia, foi apenas socializado de modo expositivo, com as cadeiras dispostas de forma circular. Em meio às

apresentações, os componentes faziam intervenções, compartilhavam experiências e conhecimentos, colaborando mutuamente com a formação do colega.

O outro grupo apresentou sobre as normas, as concepções e como se formou a “temida” norma-padrão no Brasil. Este grupo fez a abordagem sobre a norma culta, a qual não decorre somente de suas propriedades gramaticais, como muitos pensam, mas de processos sócio-históricos que agregam valores a ela. Prosseguiu apresentando sobre a norma-padrão, a qual, de acordo com Bagno (2007), não pode ser considerada uma variedade porque não é viva, ou melhor, não faz parte do uso social da língua. Há quem diga que norma culta e norma-padrão são sinônimas, mas sabemos que não.

Quando a equipe explicou sobre a norma curta (FARACO, 2008), percebeu-se esse conhecimento como algo novo para alguns professores-alunos. Compreende-se, assim, o quanto é necessário estar sempre em busca de conhecimentos, pois se, por exemplo, um dos alunos parasse seus estudos na graduação e/ou especialização, poderia ficar desprovido dessa concepção.

Outra importante explanação referiu-se à norma curta, que se caracteriza por um conjunto de preceitos dogmáticos que não encontram suporte em fato algum e nem em alguma outra norma. Mas, por meio dela, a cultura do “erro” é sustentada e dificulta um estudo mais adequado da norma culta brasileira. Quem se sustenta nesse tipo de variação (ou norma), procura sempre estar ridicularizando as variações que não se adequam aos preceitos da norma-padrão, humilhando e tendo preconceito sobre variantes desprestigiadas, constrangendo e até prejudicando pessoas.

Com isso, fortalece-se a consciência linguística no intuito de estender essa conscientização aos alunos, fazendo com que saibam ou procurem adequar a linguagem de acordo com o contexto comunicativo em que se encontrarem.

O livro *Nada na Língua é Por Acaso*, de Marcos Bagno (2007), foi lido e socializado na íntegra por todos os colegas. Individualmente ou em dupla, todos os capítulos foram debatidos, tudo com vistas à reeducação sociolinguística, ou seja, não menosprezar alguém em detrimento de sua variação, para que se perceba que “nada na língua é por acaso”, tudo faz sentido, tudo pode ser “aproveitado” se houver intenção comunicativa. Que as atitudes de professores e falantes do uso social da língua influenciam no comportamento dos alunos, fazendo-os reconhecer que todas as maneiras de falar são lógicas, corretas e bonitas.

Os alunos, agentes de letramento, precisam ter esclarecida a noção de que as variantes não podem ser tratadas como “erro”. Para todas as variações, há uma explicação, há algo que a fundamenta, que a sustenta.

Como forma de reforçar os conhecimentos acerca das temáticas abordadas pela

turma, foram apresentados *slides* que ressaltavam uma *Breve História da Gramática*, de acordo com as concepções de Faraco (2008), enfatizando que o início de seus estudos data desde 200 a.C. e segue até os dias atuais. O documento que finalizou esta explanação foram os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), criados, por disciplina e eixo temático, com o intuito de nortear a educação brasileira.

Data de 1997, contudo os PCNs evocam fenômenos e variações da atualidade e outras que ainda estão por vir, ou, se já viram, ainda não foram reconhecidas. Por isso é que os estudos linguísticos precisam ser bastante estudados por pesquisadores, acadêmicos e estudiosos da língua.

No Módulo 2, *Gramática, Produção de Sentidos e Variação*, as propostas metodológicas da disciplina foram fundamentadas nas seguintes interrogações: Como os fenômenos gramaticais diversos se manifestam nos textos (escritos e orais) dos alunos e em textos modelares? Como os materiais didáticos descrevem – nos planos conceitual e descritivo – os diversos fenômenos gramaticais e a diversidade linguística? Como descrever e analisar apropriadamente fenômenos que tomam feições particulares no Português do Brasil, sem ignorar as diferenças entre fala e escrita, patentes nas atividades de escuta, leitura e produção textuais? Este Módulo foi realizado nos dias 30/09 e 23/11.

Durante as aulas de setembro, ocorreu no *Campus* de Sinop o XIII CONAELL (Colóquio Nacional de Estudos Linguísticos e Literários) de 28 de setembro a 02 de outubro de 2015. Neste evento, dentre as comunicações orais apresentadas, ressalta-se a que foi influenciada pela referida disciplina, e teve como título: *Heterogeneidade da Língua Portuguesa: desenvolvendo a consciência linguística*. Salienta-se que o coordenador da temática achou a pesquisa muito interessante, ressaltando a importância de se proporcionar essa prática com os alunos, e exaltou que, em outro evento, se poderiam mostrar mais resultados e se os objetivos foram efetivados.

No dia 30.09.15, houve uma palestra (aula) com o Professor Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, que tinha como objetivo fazer refletir sobre linguagem, língua, variação linguística e tipologia de texto, visando colaborar com as práticas docentes dos mestrandos quando trabalharem, com seus alunos, textos adequados aos diferentes fins a que se destinam.

Dentre as frases exploradas e debatidas por ele, citam-se: “Nós é um!” (Clarice Lispector); A análise da língua é saber como ela funciona; Para você tentar chegar a uma análise, deve partir de diferentes níveis: fonético-fonológico, ortográfico, morfológico, semântico etc. Em seguida, apresentou um *slide* sobre a dupla articulação da linguagem, de A. Martinet (1978).

Outra metodologia adotada foi a de levar áudios de alunos, para que fossem

observadas as variações linguísticas diatópicas e diastráticas durante o encontro presencial. A maioria dos áudios foi coletada por meio do *WhatsApp*, em que de modo sociointerativo separaram-se as oralidades de acordo com os fenômenos linguísticos: lexical, morfológico, sintático, discursivo.

Além desse procedimento, foi apreciado o tratamento conceitual e descritivo dos fenômenos em materiais didáticos e em estudos científicos. Em dupla, fizeram-se análises nos livros didáticos que se estavam utilizando no ano letivo de 2015.

Para nortear a referida pesquisa, adotou-se como referencial o capítulo 6 “A variação linguística nos livros didáticos”, subtópico “Um roteiro para analisar os livros didáticos”, da obra *Nada na Língua é Por Acaso* (2007), de Marcos Bagno. Para cada dupla, foram distribuídas duas perguntas de pesquisa:

- O livro didático trata da variação linguística? O livro didático menciona de algum modo a pluralidade de línguas que existe no Brasil?
- O tratamento se limita às variedades rurais e/ou regionais? O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos, escolarizados)?
- O livro didático separa a norma-padrão da norma culta (variedades prestigiadas) ou continua confundindo a norma-padrão com uma variedade real da língua? O tratamento da variação no livro didático fica limitado ao sotaque e ao léxico, ou também aborda fenômenos gramaticais?
- O livro didático mostra coerência entre o que diz nos capítulos dedicados à variação linguística e o tratamento que dá aos fatos de gramática? Ou continua, nas outras seções, a tratar do “certo” e do “errado”? O livro didático explicita que também existe variação entre fala e escrita, ou apresenta a escrita como homogênea e a fala como lugar do “erro”?
- O livro didático aborda o fenômeno da mudança linguística? Como? O livro didático apresenta a variação linguística somente para dizer que o que vale mesmo, no fim das contas, é a norma-padrão?

De acordo com os livros didáticos analisados, verificou-se que a maioria é produzida na região Sudeste, por conta disso, os autores adotam os aspectos culturais das grandes cidades, em que as variedades linguísticas apresentadas são características da zona urbana. Quem lê um livro com esses aspectos, pode até pensar que seu modo de falar é “estranho” ou “errado”. Por isso, talvez, algumas variedades sofrem mais discriminação, podendo ser classificadas em pares contrastivos: rural/urbano, nordestina/não-nordestina, homem/mulher, classe social privilegiada/classe social desfavorecida.

Constataram-se, ainda, nesses livros que se levarem em conta o prestígio conferido à fala dos cidadãos urbanos mais letrados, fica ilusório de que eles se comportam linguisticamente de acordo com a gramática normativa. Em unidades intercaladas, algumas questões mostram que ocorre variação em todas as camadas sociais, o que ajuda a gerar a consciência de que a língua é essencialmente heterogênea, variável e mutável. É preciso sempre fazer com que os alunos compreendam que não existe grupo social que fale “certo” ou “errado”, esses conceitos já são obsoletos, e o aluno precisa ser conscientizado sobre isso.

Explanou-se e reforçou-se o fato de que o estudo da variação linguística é fundamental porque ajuda a compreender o processo de transformação que já ocorreu e vem ocorrendo em nossa língua. Abordou-se, também, que, nos livros didáticos pesquisados, foi perceptível o fenômeno da mudança, mas com uma falha: não avançam no sentido de esclarecer que essa mudança não parou. Aí entra a figura do professor, não só de Língua Portuguesa, para fazer com que os alunos compreendam esse aspecto mutável da língua, ou seja, sua heterogeneidade. Apreendeu-se, de suas análises, que tais livros limitam a abordagem da mudança às questões de vocabulário, deveriam, pois, usar exemplos de textos antigos para mostrar que a *gramática* da língua mudou, apresentando-se essa alteração para o educando.

Foi acrescentado que, em relação ao preconceito linguístico, os livros abordam sutilmente a questão da variação e que vão, gradualmente, culminando para preservar um modelo idealizado de língua. Observaram-se, ainda, constantemente, atividades com comandos que mandam “passar para a norma culta”. Dentre outros aspectos observados nessa temática, concluiu-se que a variação linguística precisa ser melhor e mais estudada nas escolas e pelos/nos livros didáticos, conforme ela é em seu uso; há variações ricas, mas, se quer preservar a cultura de uma determinada comunidade ou grupo de falantes. Assim, não considerá-las é como desconsiderar a própria cultura do falante.

De outra análise, chegou-se à conclusão que alguns Livros Didáticos (LD) abordam a variação linguística simplesmente para cumprir as exigências do Ministério da Educação (MEC). Ao se ler as orientações que estavam no livro de Bagno (2007), para analisar esta temática, constatou-se que não se pode analisar somente o capítulo ou unidade que trata este assunto, mas verificar como se dá o ensino da gramática. Dessa forma, verificou-se que o ensino da gramática, se comparado ao tratamento das variações, é o que prevalece dentre os conteúdos de todos os livros. A educação sociolinguística é mencionada apenas, aproximadamente, 5% nos LDs, e, algumas vezes, em questões de interpretação de diversos gêneros textuais que, vez ou outra, mencionam algo que trate de variação, mas a que faz parte da linguagem formal.

Com isso, percebe-se que as variações de pouco prestígio social não são

consideradas pelos autores dos livros, o que requer que se faça um plano à parte e o aplique aos alunos, visando conscientizá-los sobre as variações. Como se analisaram os livros primeiro e criou-se uma proposta de intervenção posteriormente, com base em outros materiais, pôde-se perceber o quão seria e foi importante aplicar a atividade. Por um lado, os alunos gostaram muito de “fugir” do que já estava “pronto” no livro didático, por outro, percebia que eles estavam absorvendo o caráter heterogêneo da língua.

Assim, viu-se que é incoerente considerar a variedade linguística como sinônimo de “fala popular” ou “rural”. Nossa língua é heterogênea em qualquer contexto. Os alunos precisam reconhecer as variações.

No final desse módulo, chegou-se à conclusão de que os livros pesquisados não evidenciam muita coisa sobre a questão de considerar a fala, mas sim de considerar mais a escrita, com muitas questões de gramática. Vale ressaltar, contudo, conforme Bagno (2007), de que existe variação não só entre fala e escrita, mas que a escrita também é heterogênea. Compreende-se, então, que não se deve menosprezar uma e exaltar outra. Os caminhos para a reeducação sociolinguística perpassam exatamente essas questões, precisa-se, portanto, a partir desses conhecimentos fazer com que os alunos também caminhem por eles, erradicando as inúmeras formas de preconceito linguístico e social existentes.

No Módulo 3, *Práticas Pedagógicas*, enfocou-se a questão norteadora “Como elaborar material/atividades pedagógicas que evidenciem os fenômenos gramaticais abordados no curso para facilitar o processo ensino-aprendizagem?”. Este módulo ocorreu nos dias 30 de novembro e 02 de dezembro, com a socialização dos projetos para oficinas pedagógicas e elaboração de material didático/plano de ensino que focalizasse fenômenos gramaticais, como: elementos que permitam a abordagem reflexiva da gramática; recursos expressivos na construção do sentido do texto; expressão de normas/variedades com base nos contínuos de oralidade-letramento e monitoração estilística.

Após a leitura de alguns artigos, cada dupla deveria socializar sobre a teoria abordada e apresentar um plano de aula com base na temática estudada.

Dentre as socializações, destaca-se a teoria abordada em um artigo intitulado *Em questão erro vs. Acerto: o respeito às diferenças linguísticas*, de autoria de LEAL *et. al.* (2013), que enaltece a heterogeneidade da Língua Portuguesa e a necessidade de substituição dos termos “certo” x “errado” por adequado x inadequado. A proposta didática produzida visava a que os alunos compreendessem que a nossa língua é heterogênea, que é formada por variedades linguísticas, a fim de se reduzir o preconceito linguístico, mesmo que fosse um fenômeno raramente observado. Acredita-se que isso reforçaria sua consciência linguística.

As etapas dessa aplicação constaram de: um procedimento inicial motivador –

adaptação do texto “Continho”, de Paulo Mendes Campos, tornando-o mais próximo à realidade linguística e social dos alunos, uma leitura com posterior atividade oral interpretativa; reflexões sobre linguagem rural, urbana, formal, informal, social, ressaltando sobre a importância de saber adequar a linguagem de acordo com o contexto de comunicação; atividade escrita com base no texto “Declaração para Meus Amigos”, de Paulo Master, com questões subjetivas e posterior correção coletiva; finalizara-se com a produção da frase: “Qué sabe duma coisa? Vamo istudá quié!” em oito variações (formal, informal, caipira, advocática, mineira, gaúcha, paulista e de gíria).

Após a aplicação dessa proposta, constatou-se que os objetivos propostos foram atingidos: os alunos já não menosprezavam, com o passar do tempo, alguns colegas só por causa do modo como falavam e refletiram bastante sobre alguns termos utilizados não só em distintas regiões, mas mesmo em diferentes contextos urbanos de fala, como: mortadela/mortandela, lagarto/largato, cérebro/célebro, peixe;peixe, dentre outros.

Outra apresentação referiu-se a uma proposta didática para ser trabalhada com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, com duração de 4 (quatro) aulas, com base nos conceitos de variação linguística, norma culta e norma-padrão, objetivando que os alunos conhecessem as diferenças culturais na forma da expressão da linguagem, analisassem as variações da língua em seu uso e compreendessem as diferenças que decorrem do uso da linguagem, com vistas, ainda, a combater o preconceito linguístico.

Propôs-se, como introdução do assunto, levantar um questionamento relativo aos sotaques, perguntar se os alunos conhecem pessoas com sotaques diferentes, e se sabem a origem daquele sotaque. Com isso, indagariam se eles sabem por que as pessoas falam de diferentes maneiras. A partir daí deveriam explicar os conceitos relativos às variações linguísticas (geográfica, morfossintática, semântica e lexical), que seriam reforçados com uma atividade de leitura e interpretação de textos que apresentassem variações.

Ao se apoiar teoricamente no texto de Noadia Íris da Silva, da UFPE, *Ensino Tradicional de Gramática e Prática de Análise Linguística na Aula de Português*, outra socialização de equipe abordou o conteúdo e apresentou uma proposta de atividade para o 5º ano do Ensino Fundamental, focando o trabalho com a variação linguística e aspectos da Sociolinguística. Como gênero textual, foram usadas tirinhas. Segundo a equipe, nessa faixa etária (10 anos), os alunos ainda não sabem que nossa língua é heterogênea nem o que seja variação linguística. Então, compreendeu-se ser uma ótima fase para ir os conscientizando acerca do preconceito linguístico. Uma das etapas que compôs essa proposta seria a gravação de falas e posterior apresentação em sala de aula a fim de mostrar as variações e fazer os colegas perceberem que não temos apenas uma forma de falar.

Na apresentação seguinte, expôs-se um plano de aula em torno da temática “Gramática, variação e normas”, em que, ao ser aplicado, visava possibilitar a interação

entre alunos de estados diferentes no intuito de (re)conhecerem as variantes nas situações de uso. Com proposta de aplicação em turmas de estados diferentes, Mato Grosso e Pará, propôs-se uma interação realizada por meio do aplicativo *Whatsapp*, com atividades que nominaram: “O jogo é...”, parecido com a brincadeira *Adedonha*⁵, muito conhecida e brincada pelo público infantil e juvenil.

Com isso, os alunos iriam exercitar a leitura e a escrita relatando: nomes de filmes ou a escrita de uma carta para o prefeito; poderia ser uma conversa livre; uma música da terra; ou uma paródia com a variedade do grupo social ou até mesmo escrever uma notícia de sua cidade. Em cada etapa, seriam observadas as variedades utilizadas pelos alunos, discutindo-se questionamentos, como: Quem está dizendo o quê? A quem? Onde? Quando? Dentro de que relações da hierarquia social? Com que intenção?

Por meio desta proposta, deveria avaliar-se o grau de monitoramento e o respeito com a variedade do outro, através da observação das atividades desenvolvidas e produção textual, evidenciando o processo reflexivo percorrido pelo aluno.

O texto socializado foi o da autora Dinah Callou, *Gramática, Variação e Normas*, que trata sobre variação e mudança: uso de ter por haver em construções existenciais, uso do pronome objeto na posição de sujeito, uso do infinitivo gerundivo, dentre outras, seguido da análise de textos escritos que confirmavam as variações mencionadas.

Outra atividade realizada durante a disciplina foi sobre a análise de fenômenos linguísticos em vídeos de diferentes regiões brasileiras. Dentre os vídeos assistidos, analisou-se a fala de um humorista que fazia piadas com o linguajar mato-grossense, mais especificamente com alguns vocábulos que são usados na capital. Também se refletiu sobre outro vídeo que tinha o mesmo objetivo, mas este apresentava, ainda, um intertexto que fazia uma releitura de “De volta para o Futuro”⁶, mas com linguajar cuiabano.

Os motivos que levaram alguém a produzir esses vídeos devem ter sido humorísticos. Entretanto, para ampliação dos conhecimentos nesta disciplina, foram bastante adequados, não só para se compreender as diferenças linguísticas, mas para valorizar as formas. Conforme os vídeos iam sendo apresentados e debatidos, procuravam-se compreender os motivos que levam comunidades linguísticas a falarem dessa maneira ou

⁵ *Adedonha* é um Jogo com vários formatos e nomes (*Uestope, Adedanha, Stop, Nome-Lugar-Objeto...*), é comum se jogar a *Adedonha* no papel, este Jogo pode se jogado por duas ou mais pessoas... (Para jogar, geralmente, precisa-se de: um papel (*folha de caderno*) para fazer a tabela, e caneta ou lápis). Disponível em: <<http://adedonhabrasil.blogspot.com.br/2014/02/o-que-e-adedonha.html>>. Acesso em: 08 maio 2016.

⁶ O primeiro filme da saga *De Volta Para o Futuro* foi lançado em 1985. O longa, estrelado por Michael J. Fox e Christopher Lloyd, tornou-se um fenômeno mundial, com uma bilheteria de mais de 360 milhões de dólares. Informações essas disponíveis em <<http://super.abril.com.br/cultura/veja-15-curiosidades-divertidas-sobre-o-filme-de-volta-para-o-futuro>>. Acesso em: 20 maio 2016.

de utilizarem determinado fenômeno linguístico.

Isso contribuiu para ampliar a compreensão sobre o léxico, sobre a morfologia, sobre a sintaxe, sobre aspectos discursivos, assim como fortalecer os conhecimentos sociolinguísticos, já que existem muitas variações de uma região para outra e, também, em contextos urbanos. Assim, se existem diferenças dentro mesmo de uma cidade e de um estado, imagine de um estado para o outro?

Após a explanação de todos estes encaminhamentos metodológicos e reflexões analíticas sobre os resultados da disciplina no transcórre do curso, vale salientar, uma vez mais, o quão relevante é compreender a heterogeneidade da Língua Portuguesa e de que esta temática, indubitavelmente, deve ser estudada com os alunos, evitando, assim, fundamentalmente, o preconceito linguístico.

4 Considerações finais

Por compreender-se que as ações humanas estão vinculadas à língua e, mais especificamente, às formas particulares de sua realização, que representam o comportamento linguístico e sociocultural dos falantes, urge a necessidade de qualificar e capacitar professores do ensino básico do país, tendo em vista as práticas de sala de aula. Dessa forma, ressalta-se, uma vez mais, a importância do PROFLETRAS, que tem se colocado como um espaço para essa formação e qualificação do professor.

Os procedimentos de ensino e os resultados descritos neste artigo mostram que a principal proposta do Programa, que é melhorar a qualidade da formação do professor de Língua Portuguesa, está sendo atingida e consequências práticas já despontam no ensino básico. Assim sendo, compreendeu-se de suma importância compartilhá-los, em forma de texto neste artigo, para oferecer a professores, gramáticos e estudiosos da Língua Portuguesa uma amostra teórico-metodológica que pode servir para novas aplicações e/ou adaptações de atividades pedagógicas.

Ademais, o desenvolvimento dos módulos propostos pela disciplina *Gramática, variação e ensino* e os resultados aqui apresentados permitem dizer que as proposições metodológicas adotadas enaltecem o trabalho da formação de professores, estimulando-os a se preocuparem mais com as funções sociais da linguagem e para terem maior clareza sobre como a gramática realmente funciona. Por esse motivo, o estreitamento da relação entre linguistas e gramáticos nunca foi tão necessário como o é nos dias atuais. As teorias linguísticas precisam chegar ao seio escolar, motivando as bases para a construção do conhecimento da e sobre a língua (NÓBREGA, 2012).

Todo o desenvolvimento da referida disciplina aconteceu de forma reflexiva, entre teoria e prática docente, primando-se pela apresentação interativa de propostas de intervenções a partir da socialização com o grupo. Este trabalho culminou na produção de artigos a serem publicados. Esta experiência, assim, mostrou-se riquíssima para nossa formação pessoal e profissional, principalmente porque os relatos feitos pelos alunos-professores durante as aulas mostraram que as discussões teóricas e as proposituras metodológicas passaram a ser transpostas, como visto, para os contextos das escolas em que estes atuam.

Referências

ADEDONHA. Disponível em: <<http://adedonhabrasil.blogspot.com.br/2014/02/o-que-e-adedonha.html>>. Acesso em: 08 maio 2016.

ALVES, M. da P. C.; CAMPOS, M. I. B. *Entrevista: professores de português em rede: desafio no ensino de língua portuguesa*. Natal, RN, Hotel Imirá, 27/11/2013. Entrevista à professora Dra. Maria das Graças Soares Rodrigues.

BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.

_____. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed., Revista e Ampliada, Lucerna, Rio de Janeiro, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. A língua portuguesa no Brasil; Um modelo para a análise sociolingüística do português brasileiro. In: _____. *Nós chegemos na escola, e agora? Sociolingüística e Educação*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 31-52.

_____. *Manual de Sociolingüística*. São Paulo: Contexto, 2014.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CALLOU, D. M. I. Gramática, variação e normas. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 13-30.

- CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP. Disponível em:
<<http://www.novoportal.unemat.br/index.php?pg=campus&idc=3>>. Acesso em: 07 maio 2016.
- FARACO, C. A. *Norma culta brasileira – desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.
- GORSKI, E. M.; COELHO, I. L. Variação linguística e ensino de gramática. *Working papers em Linguística*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 73-91, 2009.
- HORA, D. da. *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. Santa Maria: Pallotti, 2004.
- LEAL, A. F. C. et. al. Em questão erro vs. Acerto: o respeito às diferenças linguísticas. *Revista Avepalavra*. n. 16, 2013.
- MARTINET, A. *Elementos de linguística geral*. 8. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- MATTOS E SILVA, R. V. “O português são dois”... ainda “em busca do tempo perdido”. In: GORSKI, E.M.; COELHO, I. L. (Org.). *Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis. Editora da UFSC, 2006. p. 277-288.
- MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- NEVES, M. H. de M. *A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros*. São Paulo: Parábola, 2012.
- _____. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa*. 4. ed., 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- NÓBREGA, A. A. *Concepções (de ensino) de gramática: na interface livro didático/professores de língua portuguesa do 5º ano*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa, 2012.
- SANTOS, L. I. S. *Unidades mato-grossenses do PROFLETRAS: abrangência, resultados e perspectivas*. 2016 (no prelo).
- SANTOS, L. I. S.; SANTOS, L. A. O. Crenças e expectativas tecidas pelos docentes-alunos de Língua Portuguesa do Mestrado PROFLETRAS. *Signótica*, 2016 (no prelo).

SILVA, N. Í. da. *Ensino Tradicional de Gramática e Prática de Análise Linguística na Aula de Português*. Dissertação de Mestrado. Recife, 2009.

SUPER INTERESSANTE. *Veja 15 curiosidades divertidas sobre o filme De Volta Para o Futuro*. 21/10/2015. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cultura/veja-15-curiosidades-divertidas-sobre-o-filme-de-volta-para-o-futuro>>. Acesso em: 20 maio 2016.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. *Gramática: ensino plural*. São Paulo: Cortez, 2004.

VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2. ed., 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. et. al. *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MÁRCIA DO SOCORRO COELHO DE OLIVEIRA

Docente da Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimundo Arcanjo da Costa, localizada em Oeiras do Pará. Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Campus Universitário de Sinop (MT). E-mail: cirmanha71@gmail.com.

NEUSA INÊS PHILIPPSEN

Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLEtras) e do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Sinop). Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: neusa@unemat-net.br.